

mojo
BOOKS

PURPLE
STONE
TEMPLE
PILOTS

Recontado por
THIAGO ALVES

2
anos
2006
2008

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

PURPLE
THIAGO ALVES

uma história inspirada por
PURPLE
STONE TEMPLE PILOTS

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 2008
1ª Edição



COPYRIGHT © 2008 BY THIAGO ALVES

PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

PURPLE

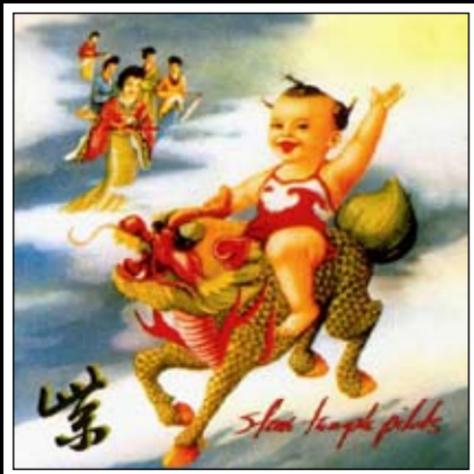
THIAGO ALVES

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **RAPHAEL SALIMENA**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Meatplow
2. Vaseline
3. Lounge fly
4. Interstate love song
5. Still remains
6. Pretty Penny
7. Silvergun Superman
8. Big empty
9. Unglued
10. Army ants
11. Kitchenware & candybars

PURPLE

STONE TEMPLE PILOTS

LANÇAMENTO: **JUNHO DE 1994**
SELO: **ATLANTIC**



PURPLE
THIAGO ALVES

A ESTRADA

Aumento o volume do som, não presto atenção na música, mas sei que é essa a música certa, que me leva de volta pra onde eu pensei que nunca mais iria voltar. Engraçado como as coisas são, depois de cinco anos longe e uma adolescência deixada pra trás, resolvo voltar. As esquinas e lembranças até me fazem sentir bem, pelo menos por enquanto. Ainda tenho duas horas de viagem e estou cansado, as luzes dos carros que cruzam comigo diminuíram a frequência, sinal de que estou no caminho certo. Aumento mais um pouco o volume, me espreguiço atrás do volante e de relance me olho no retrovisor, meus olhos estão fundos, percebo que preciso de um cigarro.

Perdi meu maço já faz uma hora, ele deve estar entre o banco e o tapete, “hum, não vai ter jeito”. Vou pro acostamento devagar, acendo a luz do interior do carro, canto o refrão da música enquanto procuro – “ah, ali” –, me estico – peguei! Estou distraído e quase morro de susto. Dou um pulo e quebro o cigarro com a tensão da mão. Foi quando tudo começou. Segurando o cigarro quebrado, olho pela janela do meu lado, estou pálido, eu sei, eu sinto... Só depois de alguns segundos entendo que por trás do vidro se encontra uma garota loira, que com um sorriso faz sinal para eu abaixar o vidro.

PURPLE

Demorou 35 segundos e dois sorrisos pra ela me convencer a dar carona, não seria nenhum sacrifício mesmo, ela estava indo pra minha cidade, aquela do interior. E afinal uma loira com olhos azuis de 1,70m, de mochila nas costas, há essa hora na estrada – ter uma companhia pra conversar seria bom também.

– Você me deve um cigarro.

– O quê? Por quê? Se esse for o preço da carona, vou te alugar o resto do mês.

Nesse momento, a única coisa que eu escutei foi sua voz, sem palavras, e isso bastou.

– Não, não... – balanço a cabeça dando risada.

Ela tira um maço de cigarros do bolso, retira dois, os leva a boca e acende, me entrega um. E depois de tragar o outro, me pergunta:

– Está longe? Falta muito?

– Não, mas faz tempo que não ando por estas estradas, posso estar errado.

– Hum... Sei... Visitando parentes distantes? Casamento de algum primo?

– Não, eu morava lá, mas fui embora, fugi do que me fazia mal e agora estou voltando.

– Ah! Um homem e suas fugas...

– É. O mais engraçado é que quando mais precisei fugir, voltei para o lugar de onde fugi pela primeira vez.

Nunca entendi por que contei isso pra ela, ali, daquele jeito. E nem sabia seu nome.

– Qual seu nome mesmo?

– Pode me chamar de Purple, e antes que me pergunte, não estou fugindo, estou voltando pra casa também. Resolvi passar uma noite fora em uma cidade perto, e acabei ficando sem carona pra voltar... Sabe como é, mas pelo jeito a melhor coisa foi esperar na rodovia.

Foi nesse momento que percebi. Eu já era.

Nos segundos contados de um trago, tento iniciar outro assunto, já era tarde, a cabeça encostada no vidro e a boca entreaberta denunciava um sono de uma noite regada a muita cerveja.

Abaixo o volume do som e tento descobrir se ainda estou acordado.

UMA CONVERSA NO POSTO DE GASOLINA

As luzes da cidade estão ali, ao meu alcance, lembro deste posto, e a essa distância a cidade não parece ter mudado. O posto é o mesmo, com certeza, as únicas coisas que mudaram foram as bombas de gasolina – agora são novas.

Ela acorda e, por segundos, olha pros lados, assustada até me encontrar.

Segurando meu café olho pra ela caminhando devagar e com cara de sono, espero algo carinhoso. Nada! Ela se senta do meu lado, pega meu copo e com um gole seco olha pras luzes.

– Dói tanto assim?

– O quê?

– Voltar...

– Não é dor, é medo.

– Quer um cigarro?

– Não, eu comprei enquanto você dormia.

– Medo de quê?

– Amigos que eu não conheço mais, um quarto que eu já não tenho, fantasmas vivos.

Com outro gole seco:

– Quanto tempo você está aqui olhando?

– Uns quarenta minutos.

- Entendo. Mas já está amanhecendo, é melhor você se apressar.

- Qual a diferença?

- O escuro é mais seguro pra quem tem medo de olhar.

Tiro dois cigarros, e repito o gesto dela de algumas horas.

Nada! Silêncio.

- Vamos, tenho amigos que me esperam a anos.

- À uma hora dessas?

- Estão me esperando com algumas cervejas. E com saudades, pelo menos é o que dizem, é o que eu digo.

- Meu bem, não tenha medo, eu te levo de mão dada até eles, e aí quando o bicho papão estiver morto, eu te solto, e volto a dormir.

Solto uma risada e faço ela prometer isso, sem expressão alguma ela me diz:

- Preciso mesmo. Eu ia fazer por prazer.

Voltamos pro carro, o sol nascendo tingia o céu de vinho claro, os olhos dela brilhavam ainda mais encolhida no carro olhando pela janela. Ela desliga o som, se vira e fica me observando.

Chegamos. Eu digo, ela não me escuta, ou simplesmente me ignora.

- Onde eu te deixo?

- Você não odeia quando tudo acaba num lugar?

- Quê?

- Não queria ir pra casa, mas você tem medos pra superar.

- Você não ia me levar de mão dada?

- Você não ia me cobrar um cigarro?

A cidade se abre diante de mim, sim, agora é tarde. Estou de volta.

RECEPÇÃO

As ruas ainda são familiares, mas os pensamentos e a sensação são novos. A cidade está acordando e eu estou quase dormindo. A velha rua, o velho bar e a velha esquina. No final desta rua, eu sei que ela vai estar lá, e eu estou chegando.

Estou a 60 por hora, de longe vejo vultos que me são familiares. Meu coração dispara. Estaciono o carro, pego meus cigarros e desço, inseguro e sem fala.

Recebo uma salva de palmas e um abraço apertado, uma bela forma de começar o dia. Pelo jeito nada mudou, o trio está junto de novo, me sinto leve e livre. Uma lata de cerveja já está na minha mão, conversas rápidas sobre nada e sobre tudo. “Como você tá?” “E a vida?” “Namorando?” “E a cidade?” “Quanto tempo você fica?” Piadas. Nada mudou, pelo menos por enquanto.

– Ah! Sábado a gente tem um show pra ir.

– É mesmo? De quem?

– Então, você lembra aqueles dois irmãos que moravam perto da sua casa, um tocava guitarra, o outro baixo?

– Lembro.

– Pois é, eles montaram uma banda, muito boa, chamaram um vocalista muito foda. Ele não é daqui, ele chegou na cidade há um tempo, o nome dele é Scott, gente boa, meio louco, mas as letras dele são excelentes, fiquei sabendo que ele é chegado em heroína, só que, cidade pequena, você sabe.

– Ha ha ha, sei como é, isso não muda nunca.

Estou com velhos amigos e passo muito tempo rindo, mas não tiro Purple da minha cabeça, pergunto se alguém já ouviu falar.

– Já, ela é uma garota legal... e gata. Nunca vi com ninguém, mas já troquei idéia. Ela não parece o tipo de garota que você gostaria de se apaixonar. Só de olhar pra ela, você percebe que é daquelas que você espera sua vida inteira e, numa manhã de sábado, ela aparece. Ai você nunca mais consegue se separar dela. Mas também, gostosa daquele jeito, quem iria querer se separar.

Tomo mais duas latas e falo que preciso ir embora, tenho de dormir, preciso ir pra “casa”.

– Você vai sair hoje?

– Só à noite, tenho de passar um tempo com a família(como se isso fosse fazer diferença), mas me liga. Meu telefone de casa é o mesmo. Alguém precisa de carona?

Dentro do carro, ligo o som, coloco algo que não me faça pensar nela. Impossível.

As ruas me guiam sozinhas pra minha casa. Minha cabeça dói. Paro o carro de frente ao portão. O dia acordou e eu também, agora não tenho mais volta, penso uns três minutos antes de criar coragem de entrar em casa.

Abro o portão e um peso sai de cima de mim. Purple. Ainda lembro o caminho do meu quarto, a casa em silêncio denuncia o sono coletivo.

Cinco anos, uma carona e eu já estou de novo aqui. Boa noite, e não reconheço o meu colchão.

ACORDAR

Barulhos de passos, panelas, vozes e por fim um telefone, sempre tem um telefone. É o acorde final, hora de acordar. Abro meus olhos, uma sensação de cansaço, a primeira coisa que vem a minha cabeça é a imagem daquele maldito sorriso.

Fico deitado por alguns minutos, olho ao meu redor. Paredes que são familiares e ao mesmo tempo distantes e diferentes, as coisas ainda estão nos seus devidos lugares, mas tudo parece tão errado. As materiais e as que não são. Levanto-me e vou direto ao banheiro, preciso de um banho, não penso duas vezes e entro embaixo do chuveiro. Tomo um banho demorado e só depois de alguns minutos me lembro de não ter pegado a toalha. Saio do chuveiro e, pra minha surpresa, encontro uma toalha me esperando.

Vou direto pra cozinha, encontro meus pais. Recebo um abraço e nada de perguntas. Melhor assim, com um sorriso dizem que meu almoço está pronto. Conversas frugais, saudades e coisas a fins, nada me importa, minha cabeça está longe, no entanto estou confortável. Nada de perguntas, nada demais. Estranho, mas não ousou tocar no assunto, melhor assim. Existem coisas que eu não quero falar, e pelo jeito eles também não. Tudo tranquilo, assisto à televisão durante toda a tarde e me pergunto onde devo procurar por Purple. Resolvo dar uma volta de carro, rever minha cidade. De cara surrada, dou uma volta por ruas não mais tão conhecidas.

Tudo mais ou menos como eu me lembrava. Algo está diferente e rezo pra que não seja só eu.

Lembro-me de uma parada que devo fazer, já faz tanto tempo, não sei o que esperar e na verdade resolvo esperar. Dou meia volta no carro e me dirijo pro outro lado da cidade, involuntariamente paro meu carro na porta de uma casa. Resolvo apertar o interfone, um rosto familiar, outro abraço.

- Quanto tempo, cara. Como você tá?

- Bem, muito bem.

- Entra.

- Na verdade, vim te chamar pra dar uma volta. Vamos?

- Espera um pouco, só vou colocar uma camiseta.

O som do carro está alto, não trocamos uma palavra, não é preciso.

Paramos em um bar, novo, não conheço ou lembro de ter estado ali.

Uma cerveja, um cigarro.

- Você vai no show?

- Vou, todo mundo vai estar lá, todos vão gostar de te ver. Eu sabia que você vinha, só não sabia quando, mas um dia você viria.

- Ela também vai estar lá?

- Não sei, mas desencana, isso é passado, acho que não tem nada a ver.

- Espero.

Logo em seguida, levo o copo à minha boca. Mais tarde deixo-o em casa e combino de pegá-lo pra irmos ao show juntos. Voltando pra casa as lembranças voltam. E mais uma vez me lembro de que estou aqui de novo.

NOITE

Já faz uns cinco minutos que eu buzinei, resolvo sair do carro e aperto o interfone.

– Foi mal, tava no telefone, tô saindo.

O som do carro desligado me causa agonia e pergunto logo pra onde nós vamos. Decidimos fazer uma parada no velho bar. Pegamos uma mesa e aos poucos eu volto no tempo. Várias caras conhecidas, mas em lugar nenhum a vejo. No entanto, entre uma ida no banheiro e uma cerveja, encontro-a em pé, ao lado do balcão. Finjo não ter visto, mas já é tarde. Ela ainda tem o mesmo caminhar e posso jurar que eu sinto o mesmo perfume de anos atrás. Levanto-me, vendo que seria inútil continuar ignorando, recebo um abraço e um “quanto tempo” meio incomodado. Eu a chamo pra se sentar conosco. Ela aceita.

Por enquanto tudo parece tranquilo, a conversa está agradável, chegam mais alguns velhos amigos e depois de alguns minutos a mesa parece um comício. A conta, está na hora. Ela me pergunta se eu posso dar carona, pressinto a armadilha, e me joga nela.

– Vamos.

UMA CONVERSA NO CARRO

Pergunto onde é o show. Ela não me responde. Depois de alguns segundos:

– Ainda está cedo, vamos dar uma volta, estou com saudade de você, de conversar com você.

Ela me olha e tira da bolsa um baseado, e me pergunta se pode acender. Só depois de algum tempo ela lembra de me oferecer.

Ela liga o som, escolhe um CD, com uma intimidade que me irrita.

Depois de alguns assuntos, claramente com motivos introdutórios, ela solta:

– Por quê?

Merda. Mas tudo bem, eu estava certo sobre a armadilha. Ela começa uma conversa sobre juras de amor, abandono, mentiras e termina com um “mentir mais um pouco”. Merda. O baseado começa a fazer efeito e eu não estou a fim de conversar. Paro o carro e a puxo de encontro a mim. A boca dela ainda tem o mesmo gosto. Merda. Eu tô aqui de novo. E estou me arrependendo. Ela me retribui com um olhar frio.

– Você nunca muda, eu jurei que eu não iria deixar você fazer isso comigo de novo. Mas se você quer assim, vamos. O show já deve estar começando e eu sei que você deve estar louco pra ver seus amigos.

Aumento o som e pergunto onde é o show. No caminho, várias imagens surgem. A transa na casa dos pais dela, o porre de vodca, a briga no bar, as

frases, as tardes de sábado no sofá. As mentiras, minhas e dela, as descobertas, o perdão. E a cidade ficando para trás, enquanto o ônibus seguia em frente.

Merda.

SHOW, PURPLE E UM TAL DE SCOTT

O lugar está cheio. Muitas mulheres interessantes, e alguns adolescentes com espinhas na cara e que não sabem o que fazer com suas mãos. Todos juntos, dançando se esbarrando e de novo ela. Puxa-me pela mão e me leva pra dar uma volta. Demoro um pouco para perceber o que está acontecendo. A cerveja e o baseado bateram. Depois de muito tempo sem essa mistura, quando você volta, pode ser um pouco assustador. Ainda não vi Purple. Com a desculpa de pegar uma cerveja me liberto e resolvo dar uma volta por ali. Depois de algum tempo, percebo algumas coisas, 90% das pessoas que estão chapadas, os outros 10% estão quase lá, não que eu me importe com isso. A música ambiente é animada, pego outra cerveja e acendo um cigarro, resolvo esperar. De longe escuto meu nome e vejo o vulto de alguém, em meio a jogos de luz e corpos que se mexem. Recebo alguns abraços e cumprimentos, mas não dou muita atenção, primeiro porque estou preocupado com outra coisa, e segundo porque o som não me deixaria escutar nada. Pego outra cerveja e acendo um cigarro, estou impaciente.

- Você viu aquela garota?

- Quem?

- Você viu a Purple?

- Não, mas daqui a pouco ela tá por aí, ela é amiga do Scott, não perde um show.

O efeito começa a suavizar e a se tornar sublime, já estou no clima. Converso besteiras, olho as pessoas, encontro umas cinco garotas interessantes. Canto o refrão da música que sai dos alto-falantes. De repente um tumulto em frente do palco. As luzes do palco se acendem. A banda entra. Um cara magrelo e alto assume o vocal. Resolvo chegar mais perto. As pessoas gritam e balançam suas cabeças. No segundo refrão eu já estou hipnotizado e cantando. Na quarta ou quinta música, olho pro lado. Em movimentos que pareciam estar sendo executados em câmera lenta, ela está dançando. Com um cigarro entre os dedos e o rosto sombreado, Purple parece desconexa. Como algo que não pertence àquele lugar e no entanto se encaixa tão bem. Fico observando, não sei o que fazer, realmente não sei. Eu sabia que eu estava perdido. Resolvo esperar. Satisfaço-me com o que escuto e os movimentos dela se encaixam em todas as músicas, há algo no jeito que ela sorri que me fascina. E realmente a banda merece respeito.

Depois de quase uma hora e meia o show acaba, e eu não a perco de vista. Vou ao seu encontro, recebo um sorriso:

- Acabou com seus medos?
- Aqueles ficaram pra trás, agora tenho outro.
- Qual?
- Você.
- Eu?

Ela passa o olhar pelo meu rosto, pega minha mão e me puxa. Não faço a menor idéia de pra onde, mas eu vou. E sei que já não tenho mais volta.

Chegamos a algum lugar mais isolado, ela me abraça e não fala nada.

Afasta a cabeça e me olha. Sinto-me invadido, totalmente transparente. E num impulso sem volta, um beijo. Sua boca tem gosto de noite, cigarros e cerveja. Mas é doce. Ela me responde com outro beijo. Nesse momento alguém chama por ela. Ela me olha e entendo que é pra esperar.

– Vamos, o Scott tá me procurando.

No camarim, tudo parecia uma festa a parte, garrafas vazias no chão, pessoas conversando e fumando, o ar pesado e com cheiro de boate em fim de noite, algumas garotas se jogando em cima dos caras e outras se jogando entre si.

Ela andava com segurança, como se tudo aquilo fosse irreverente e indiferente, com uma olhada pra trás ela se certifica que eu não fugi.

A música é completamente familiar, as vozes me incomodam e finalmente: Scott!

Um cara magrelo, alto, com gestos delicados, um cigarro eternamente pendurado em sua boca e uma garrafa de qualquer coisa enfeita sua mão. Todos olham pra ele, o admiram. Inclusive Purple, que não tira os olhos dele, e senta ao seu lado, me puxando pro lado dela. Um copo de conhaque surge na minha mão. Scott conversa com todos. Eu não presto atenção, quero ir embora, com ela, só com ela.

Sutilmente beijo seu ombro e sussurro em sua orelha:

– Vamos sair daqui, quero você hoje só pra mim.

Ela me olha assustada, e me dá um beijo, com um gesto de cabeça ela concorda. Estamos nos levantando, quando Scott me chama.

– Vejo que a Purple arrumou uma nova vítima, tome cuidado, se eu fosse você ficaria mais um pouco.

- Não, obrigado, eu tenho que ir mesmo e pretendo levar ela comigo.

Ele me dá um sorriso irônico, pisca pra ela, vira a garrafa. Olha-me de novo. Balança a cabeça, e diz:

- Se divirtam.

Vira as costas e começa a falar sobre outra garrafa na casa dele.

Sáímos juntos, estou indo pro carro quando percebo que ela olha pro céu. E sei que daqui a pouco algum comentário surgirá. Pra minha surpresa ele é curto e simples:

- Adoro estrelas.

Ela me abraça forte e me chama pra ir à casa dela.

...

Ela me encosta na parede meu corpo sente o peso dela, prensado ela percorre minha barriga com a boca. Segurando a garrafa de vinho em uma das mãos, eu tremo. Seu toque na minha pele faz surgirem arrepios e suspiros. Sua mão encontra meu zíper, ali de pé meu corpo fica bambo. Minha mão se perde em seu cabelo, jogo meu corpo sobre o dela indo de encontro ao chão, em meio a suspiros cadenciados suas unhas encontram minha pele, meus dentes seu pescoço, a garrafa de vinho cai. Ela tira minha camiseta, levanta meus braços e começa me beijar. Ela deixa um cheiro suave. Ela senta em meu colo, arranco sua roupa enquanto recebo arranhões na costas. Seus gosto me invade enquanto, em movimentos cadenciados pela nossa respiração, eu a engulo com um beijo. Não vejo mais nada, sinto sua boca percorrendo meu corpo. Ela beija minha boca. Eu sinto sua pele, seu corpo suas curvas. Depois de alguns segundos nada importa mais. Depois de alguns minutos a única coisa no ar é a fumaça do cigarro.

A cabeça dela sobre meu peito, parece dormir. No cinzeiro acho uma ponta de baseado. Tudo bem, vai ser bom pra dormir. Enquanto tento me acomodar, mais lembranças. Eu preciso ir embora, isso vai me consumir. Uma fuga, um show, uma transa, alguma droga e eu já estou aqui de novo. Merda. Viro pro lado e resolvo pensar nisso depois.

CONCLUSÕES

O dia está chuvoso, já faz quarenta minutos que essa conversa morreu, meu tempo acabou. Tenho de voltar pra minha verdadeira vida. Ela não entende, diz coisas sobre amor, que eu não entendo. E duvido que ela saiba do que estava falando, algo a ver com sombras e telefonemas. Que precisa de respostas. De lugares onde ela gosta de ficar. E foi nesse momento que a chuva começou a cair. Logo depois, cigarros. Silêncio. Uma lágrima perdida no escuro.

Eu penso em tudo o que aconteceu, em coincidências, histórias do passado, penso até em amor. Já faz algum tempo eu deixei esta cidade, deixei tudo pra trás e sei que por mais acolhedora que ela seja, as pessoas, as falsidades e meus problemas voltarão se eu continuar por aqui. Muitos fantasmas no mesmo lugar. A despedida dos amigos não aconteceu, não teve por quê. Meus pais me deram um abraço e me desejaram sorte. Quinze dias sem perguntas, sem diálogos, no entanto em todo esse tempo nunca reconheci meu colchão. E Purple.

- Você não presta.

- Purple, eu gosto do jeito que você anda, do jeito que conversa, do jeito que você dança, do seu cheiro e do seu gosto e realmente me perco em seus olhos, mas isso...

- Eu sei, você não pode, você e seus fantasmas, malditos fantasmas, e medos.

- Desculpa, mas não posso.
- Me leva com você.
- Você sabe que não...
- É, eu sei, o Scott tinha razão.

Balanço a cabeça, mas não vai adiantar nada, para ela o Scott sempre tinha razão, em pouco tempo percebi que nesse critério não havia como concorrer com ele. E várias foram as vezes que isso me irritou, mas ele era sagrado.

- Posso te perguntar uma coisa?
- Pode, agora você pode perguntar tudo.
- Você e o Scott...
- Não pergunte isso.
- Por quê?
- Porque se você perguntar eu vou ter de responder.

Nada, isso foi o que eu senti dentro de mim, nada. Ela me olhou com aqueles olhos e aquele sorriso. Um suspiro saiu forte de dentro de mim, eu não sabia como agir, o que fazer, pensar. Um vazio grande, doloroso e completo. Eu não sabia o que fazer e esperar. A chuva caía mais devagar. Ligo o carro e saímos. Rodamos algumas ruas, sempre em silêncio. Desta vez o som desligado não me incomoda. Ela se encontra encolhida, olhando sempre pra frente. Seu rosto demonstra o que eu não consigo. Inconscientemente, levo a gente pra estrada, nenhuma palavra, nada.

Passo pelo posto que sempre estive ali, onde alguns dias atrás conversei com uma caronista. Continuo sempre reto, a cidade não se encontra mais a vista do meu retrovisor. A expressão dela muda.

- Você nunca me cobrou o cigarro.

Continuo dirigindo, penso nos fantasmas que eu deixei pra trás há cinco anos. Penso nos que eu estou levando comigo.

A ÚLTIMA PERGUNTA

De novo um posto, agora em cenários que ela não conhece. Estamos sentados esperando o carro ser abastecido, ela não me pergunta nada. Destino, coisas a fazer, quando. Nada. Me dá um beijo, passa a mão no meu rosto.

- Meu bem, você me...

- Não me pergunte isso.

- Por quê?

- Por que se você perguntar eu vou ter de te responder.

O silêncio responde.

ESTRADA

Do meu lado está quem atende por Purple. Está dormindo. Olho pro lado, vejo aquela boca. E espero que ela mantenha meus fantasmas bem longe. Rezo, olhando para seus olhos, pedindo que ela nunca se transforme em um dos meus fantasmas e que me perdoe por tudo o que está por vir.

E Scott, bem ele estava certo, ela tem uma nova vítima, e essa até agora não entende o poder daquele sorriso, mas sabe que a segunda vez sempre chega.

E que o silêncio não pode responder a tudo.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br